

VISÃO DO CORREIO

Questão de saúde pública

O Ministério da Saúde lançou na última semana uma nova campanha de incentivo à vacinação — “Vacina Mais” — na tentativa de reverter a queda nos índices de imunização de diversas doenças. O projeto é da Organização Pan-Americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS), em parceria com os conselhos de Saúde, em âmbito nacional, estadual e municipal. Não é segredo para ninguém que a cobertura vacinal no Brasil está despencando há pelo menos 10 anos, especialmente no que se refere à população infantil. Nos últimos anos, assistimos ao retorno de patologias até então consideradas erradicadas no país, a exemplo do sarampo e da poliomielite (paralisia infantil), doenças que podem causar sequelas ou levar à morte.

É importante destacar que o Conselho Nacional de Saúde (CNS) atribuiu às vacinas a erradicação da varíola no mundo, em 1980. Atualmente, há pelo menos 19 tipos de vacinas disponíveis, que conferem proteção contra mais de 20 doenças. No entanto, de acordo com o Ministério da Saúde, entre 2015 e 2021, o número de crianças vacinadas com a primeira dose contra a poliomielite caiu de pouco mais de 3,121 milhões para 2,089 milhões. Já para a terceira dose, no mesmo período, os números reduziram de 2,845 milhões para 1,929 milhão. E, em seis anos, o recuo da cobertura vacinal contra a pólio foi expressivo — de 98% para 67%.

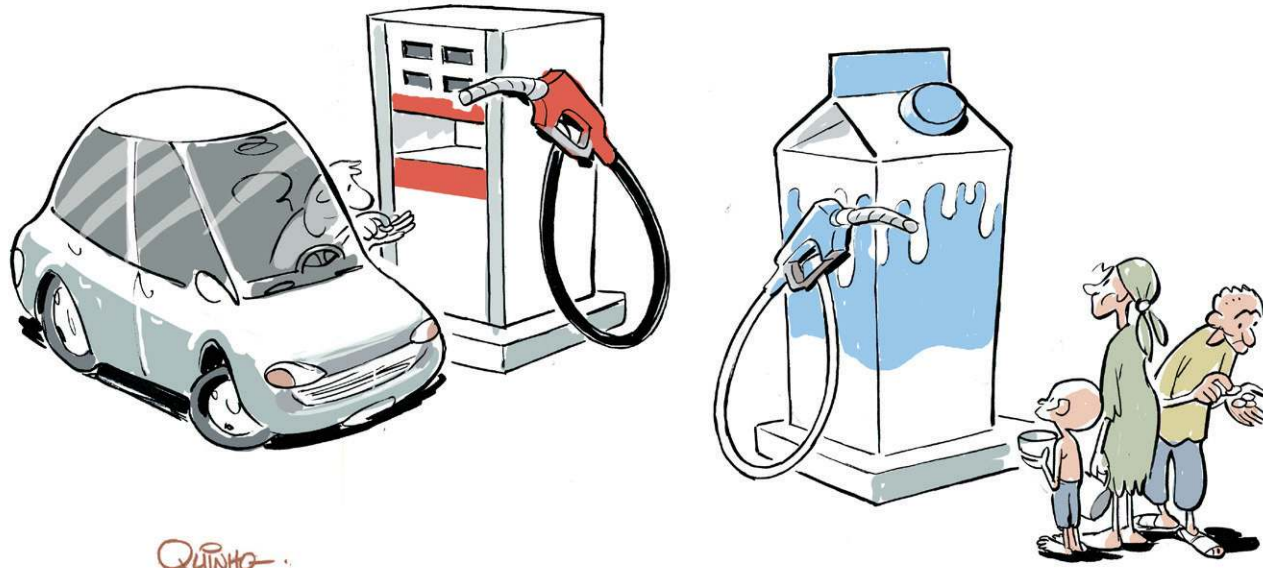
Embora o patamar de imunização ideal seja acima dos 90% — índice acordado pelos especialistas —, as taxas gerais de vacinação estão bem abaixo desse nível desde 2012, com

destaque para 2016 — quando o Brasil registrou uma porcentagem de apenas 50,4%. Em 2021, esse número alcançou 60,7%, segundo o DataSUS, ainda muito distante das metas propostas pelos profissionais de saúde.

E os exemplos não param por aí. Ainda segundo o DataSUS, a cobertura vacinal contra a tuberculose caiu de 105%, em 2015, para 68,6% em 2021. A vacina BCG faz parte do Programa Nacional de Imunização (PNI) e é indicada para aplicação logo após o nascimento da criança.

Aliada a isso, as recorrentes avalanches de fake news sobre vacinação e temas correlatos despejadas a rodo em redes sociais e aplicativos contribuíram para os níveis descendentes de cobertura vacinal. O estudo “As Fake News estão nos deixando doentes?”, da Avaaz.org, comunidade de mobilização global sem fins lucrativos, em parceria com a Sociedade Brasileira de Imunizações (SbIm), mostra que aproximadamente 67% dos brasileiros acreditam em, ao menos, uma afirmação imprecisa sobre a vacinação, ou seja, quase sete em cada 10 brasileiros acreditam em notícias falsas sobre o tema.

Mesmo que o Ministério da Saúde e outras instâncias, como o próprio Conselho Nacional de Saúde, reconheçam e divulguem que a vacinação é uma das intervenções de saúde pública mais eficazes, custo-efetivas e que realmente salvam vidas, é fundamental a união de esforços entre governo, estados e municípios — além da participação das grandes plataformas de comunicação — para que o aumento da cobertura vacinal seja exitoso. Caso contrário, novamente correremos o risco de voltar a registrar casos de varíola, no momento oficialmente erradicada no país.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Assim não vale

Tomo emprestada a canção *Pessoa nefasta* (1984), de Gilberto Gil, para ilustrar o tipo predominante de perfil político que ocupa os altos cargos da República: “Tu, pessoa nefasta/Vê se afasta teu mal/Teu astral que se arrasta tão baixo no chão/Tu, pessoa nefasta/Tens a aura da besta/Essa alma bissexta, essa cara de cão”. No Brasil, o “governo” é feito justamente por esses eleitos nos quais votamos que, empossados, se divorciam de nós. Leitora crítica dos nossos tempos tão estranhos, Noélia Ribeiro cunhou o poema *Até quando?*: “Eu/tu/ela/nós sem/voz/Eles” (*Assim não vale*, 2022). A crescente violência política — intensificada após a destituição ilegítima da presidenta Dilma Rousseff (2016) e o assassinato da vereadora Marielle Franco (2018) —, a proliferação de desinformação, o silenciamento da sociedade civil organizada, o processo de criminalização de movimentos sociais e o ataque a jornalistas e às populações tradicionais estão restringindo o espaço cívico no Brasil. A violência política no país tem um recorte racial e de gênero. Discursos de ódio violam liberdades e direitos fundamentais. O espectro da “crise da democracia” se agita por todos os cantos. Antes de tudo, a democracia sente os efeitos da mercantilização geral da vida, da prevalência unilateral do mercado como cultura, fator de organização e valor. Tudo se converte num sistema de “trocas” e vantagens competitivas, dissolvendo as ações de tipo cooperativo. Os próprios custos das transações políticas são extrapolados e não ajudam a que se governe melhor. A democracia não é somente um “método” para que se tomem decisões coletivas e um sistema de representação baseado em normas e procedimentos. Também é um sistema de participação, que depende de cidadãos politicamente educados. A ditadura só favorece a disseminação de afetos violentos, discriminatórios, intolerantes e autoritários.

» Marcos Fabrício Lopes da Silva, Asa Norte

Devastação

Será que o resquídeo de água encontrado em Marte, ainda que imprópria para o consumo humano, não é resultado da mesma devastação que o nosso planeta sofre atualmente? Alegar que um asteroide colidiu com o planeta e exterminou qualquer possibilidade de prosseguimento de existência de vida é um desfecho fantasioso, mais condizente com a ficção. Seria muito ironia se um dia descobrissemos que o planeta Terra foi o “plano

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A chamada PEC do Desespero driblou a Lei Eleitoral e criou o Auxílio-voto, com a cumplicidade da maioria dos senadores. Cadê o TSE? Estou indignado com a falta de indignação.

Araldo Pimenta — Asa Sul

A miséria no país é tão grande que um voto vale R\$ 600.

Joaquim Honório — Asa Sul

A morte do embaixador Rouanet entristece a todos. Que ele seja acolhido por Deus.

Ney Lima — Asa Norte

A degradação ambiental avança nas reservas do Lago Sul, sem que nada seja feito para contê-la.

Ana Elizabeth Souza — Lago Sul

B” dos habitantes marcianos e, após um “apagão” de 4 bilhões de anos, fosse constatado que somos aquilo que procuramos. Considerando o importante papel das sondas, satélites, robôs e toda a sofisticada tecnologia empregada na tentativa de novas descobertas, visando à obtenção de algo concreto que mude radicalmente o conceito científico, penso que o nosso planeta tem mais respostas ocultas que o próprio vizinho investigado. Se a água de Marte realmente não servir aos nossos propósitos, o que faremos? Seguiremos para o próximo planeta? São tantas “travessias”...

» Renato Mendes Prestes, Águas Claras

Precisamos de paz

Logo depois da edição do Estatuto do Desarmamento (2003), as forças de segurança pública se empenharam, seriamente, na missão de desarmar a população. Havia até prêmio em dinheiro aos que entregassem suas armas à polícia. Os postos de coleta estavam espalhados por todo o país. Um ranking nacional apontava quais os estados e municípios com os números de artefatos coletados e o quanto o poder público havia desembolsado no pagamento pelas armas recebidas. Espalhava-se pelo país a ideia de que a posse de arma representava inseguran-

ça e risco de morte para o proprietário. As blitzes retiram das ruas milhares de artefatos bélicos. Caminhava-se no sentido de consolidar a ideia de construção de uma educação para a cultura de paz, em que armas não protegem, mas matam. Desarmar a população era medida essencial para conter a violência, evitar mortes e reforçar a responsabilidade do poder público pela segurança de todos os cidadãos. Hoje, vive-se a política do belicismo que só colabora para aumentar o arsenal dos grupos criminosos e garantir aos fora da lei o direito de se armarem e matarem indiscriminadamente. Vivemos tempos de horror e pânico. Isso precisa mudar. Os feminicídios aumentam a cada dia e são tragédias provocadas por armas brancas ou de fogo, sem chance de defesa para a mulher. Os lares vivem de luto. Os números de órfãos crescem exponencialmente sem que haja política pública contra a matança desenfreada. É preciso desmontar esse cenário e tentar reconstruir pilares e base para a pacificação. Arma não liberta ninguém. Elimina vidas e contribui para a opressão e a morte de inocentes, e impõe inquietude a todos. Precisamos de paz e ela não se constrói com armas. Precisamos nos re-humanizar e respeitar o direito à vida.

» Maria Amélia Vegas, Asa Sul



JÉSSICA EUFRÁSIO

jessicaeufrazio.df@dabr.com.br

O irreal como ideal

A possibilidade de anônimos compartilhar vivências, experiências e opiniões se amplia e se consolida por meio das redes digitais, nas quais comportamentos e ideias ganham força para influenciar milhões de indivíduos. Por essa perspectiva, orbitam noções de imagem, estética e padrões. Ao mesmo tempo em que há quem dite tendências — às vezes, privilegiados pelo encaixe em arquétipos pré-estabelecidos e, normalmente, eurocêntricos —, há quem faça reverberar o discurso contra um status quo imagético social.

Esse segundo grupo consegue promover reflexões sobre o papel individual para a manutenção de alguns modelos. A força disso tem colocado em xeque serviços, empresas, órgãos ou instituições, que se veem, frequentemente, obrigadas a reposicionar marcas e modificar as estruturas sobre as quais se erigem. Outros, entretanto, mantêm práticas cada vez mais discutíveis, em atendimento a uma demanda que prevalece e em razão de retornos financeiros colossais.

Recentemente, duas crianças brasileiras, um menino e uma menina, venceram concursos de beleza no Peru. Em geral, nos eventos para escolha de “misses” e “mistress”, a hierarquização de pessoas ganha um ar mais humano, na teoria, disfarçado sob a análise de qualidades além do físico e o incentivo à filantropia.

Apenas o fato de existirem concursos de beleza para crianças chama

a atenção. No entanto, junto a isso, uma reflexão vem naturalmente: como o conceito do que é ou não belo se impõe de maneira tão precoce. O valor físico é suficiente para qualificar a beleza de alguém? A vida em sociedade requer adaptações, mas fazer com que o encaixe em padrões se torne uma obrigação desde tão tenra idade tem efeitos cruéis.

Apesar de os resultados das pesquisas não terem, necessariamente, relação com questões de autoestima ou da busca por uma imagem ideal, não há como esquecer que o Brasil é líder no ranking mundial em quantidade de cirurgias plásticas. Além disso, a Organização Mundial da Saúde observa aumento do número de casos de depressão e ansiedade no país e no restante do mundo — diagnósticos com origens diversas, mas que também se desenvolvem em função de problemas com a autoimagem.

A construção do que se considera local e contemporaneamente belo tem ligação com questões históricas, sociais e culturais. Hoje, isso se sustenta no imaginário com o suporte midiático — incluindo as redes mencionadas anteriormente — e com o trabalho de empresas que lucram em cima de uma homogeneização de atributos. Beleza tem relação com o subjetivo. Não cabe estabelecer formas de adaptação aos cânones, mas, sim, desconstruí-los e discutir meios de libertar a sociedade de cobranças irresponsáveis pelo irreal.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”

Camões, e.VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uigaiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ. Tel: (21) 2963-1945; E-mail: sucursalf@uigaiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: SA Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiais e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e A Press, Tel: (61) 3214-1131.

COM ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em dinheiro terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

D.A. Press Multimídia
Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575/1582/1568/0800-6477-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 837,27

360 EDIÇÕES
(promocional)

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. LOG

Agenciamento de Publicidade